

Sem carnes, taxa atinge 70% do agro gaúcho

Percentual das operações comerciais no Estado é mais que o dobro da média nacional do setor, de 32,7%

Claudio Medaglia
claudiom@jcrs.com.br

A exclusão da carne bovina da nova tarifa de 25% imposta pelos Estados Unidos sobre parte das importações brasileiras aliviou um segmento importante do agronegócio, mas não mudou o diagnóstico para o Rio Grande do Sul.

Levantamento da Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul (Farsul) mostra que 70,4% das exportações gaúchas do agronegócio destinadas ao mercado norte-americano continuam sujeitas à sobretaxa, percentual mais que o dobro da média brasileira, de 32,7%.

A diferença está no perfil da pauta exportadora. Enquanto produtos de grande peso nas vendas brasileiras aos Estados Unidos, como carne bovina, café em grão e suco de laranja, foram incluídos na lista de exceções divulgada pelo governo norte-americano, o Rio Grande do Sul concentra suas exportações em cadeias que permaneceram atingidas pela medida, entre elas tabaco, madeira, sebo bovino e calçados de couro.

Segundo o assessor de Relações Internacionais da Farsul, Renan Hein dos Santos, essa composição explica por que o Estado foi proporcionalmente mais afetado que o restante do País.

“A exposição gaúcha é

maior porque a nossa pauta está concentrada em produtos que ficaram de fora das exceções”, afirma.

Na avaliação do economista, a ampliação da lista de produtos isentos reduziu parcialmente o alcance da medida, mas não alterou o cenário para o Estado. Conforme o levantamento da entidade, cerca de US\$ 541 milhões das exportações do agronegócio gaúcho aos Estados Unidos continuam sujeitas à sobretaxa.

Os primeiros efeitos, segundo Santos, devem aparecer nas cadeias do tabaco e da madeira, que mantêm elevada participação do mercado norte-americano em suas exportações e têm menor capacidade de redirecionar rapidamente a produção para outros destinos. Na sequência, os impactos tendem a atingir também segmentos como sebo bovino e calçados.

Apesar disso, Santos avalia que a ampliação das exceções foi positiva ao preservar cadeias consideradas estratégicas para o abastecimento dos Estados Unidos.

“Os produtos que ficaram na lista de exceção são justamente aqueles em que o Brasil é insubstituível. Para esse volume de café, de suco de laranja e de carne bovina, os Estados Unidos não têm outros exportadores mundiais para suprir a demanda”, observa.

Para o presidente executivo



Produtos na lista de exceção são aqueles em que o Brasil é insubstituível, caso da carne bovina

do Sindicato das Indústrias de Produtos Suínos do Estado do Rio Grande do Sul (Sicadergs), Ronei Lauxen, a exclusão da proteína da nova tarifa preserva a competitividade brasileira justamente em um momento de incertezas no mercado chinês.

No acumulado do primeiro semestre, os Estados Unidos responderam por 16% do volume de carne bovina exportada pelo Rio Grande do Sul, enquanto a China concentrou 41% dos embarques.

“A exclusão da carne bovina do tarifaço representa um alívio e uma possibilidade de

aumento do volume exportado para os EUA”, afirma. Segundo Lauxen, a manutenção do acesso ao mercado americano pode contribuir para ampliar as vendas da proteína gaúcha, sobretudo diante das limitações impostas pelo sistema de cotas adotado pela China.

Nacionalmente, a Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar e Bioenergia) criticou a tarifa adicional sobre o etanol brasileiro e afirmou que a política adotada pelo Brasil está em conformidade com as regras da OMC (Organização Mundial do Comércio). Isso porque a de-

cisão dos EUA sobre o etanol foi tomada com base no argumento de que o Brasil restringe o acesso do produto americano após encerrar, em 2017, um tratamento tarifário considerado equilibrado entre os dois países.

Para a entidade, não há acordo bilateral que obrigue o País a conceder tratamento tarifário diferenciado ao etanol americano e atribui a queda das exportações dos Estados Unidos ao mercado brasileiro principalmente ao aumento da produção nacional, sobretudo de etanol de milho.

Índices da Pecuária

O mercado ovino no RS apresentou o cordeiro como a categoria mais valorizada nesta semana. A ovelha registrou maior dispersão de preços, enquanto o borrego ficou com a faixa mais concentrada, refletindo menor amplitude nas negociações.

ANÁLISE DO DIA 15 DE JULHO DE 2026

* Apuração válida para o período de 15/7 a 22/7

Terneira	-1,6%
Novilha (13-24 meses)	+3,9%
Terneiro	+2,9%
Novilho (13-24 meses)	+3,9%
Vaca de invernar	+3,0%

GADO GORDO

15/07/2026	PV MACHO	PC MACHO	PV FÊMEA	PC FÊMEA
MÁXIMO	R\$ 13,30	R\$ 26,00	R\$ 12,00	R\$ 23,50
MÉDIO	R\$ 12,90	R\$ 24,75	R\$ 11,50	R\$ 22,00
MÍNIMO	R\$ 12,50	R\$ 24,00	R\$ 11,00	R\$ 20,50

GADO DE REPOSIÇÃO

PV = peso vivo | PC = peso carcaça | *Valores à vista, em R\$/kg. | *No caso de obtenção de somente um valor, usou-se o fator e 2,05 na conversão de peso vivo para peso de carcaça correspondente. | *Variações correspondentes sempre à semana anterior | ■ Estável ● Subiu ● Desceu

15/07/2026	TERNEIRA		NOVILHA		TERNEIRO		NOVILHO		VACA			
	6-12m	13-24m	25-36m	Prenhe	6-12m	13-24m	25-36m	Prenhe	Invernar	Falhada	Com cria	
MÁXIMO	R\$ 16,00	R\$ 14,23	-	-	R\$ 16,00	R\$ 13,82	-	R\$ 11,80	R\$ 11,13	-	R\$ 12,26	
MÉDIO	R\$ 15,34	R\$ 13,33	R\$ 14,00	-	R\$ 15,75	R\$ 12,82	-	R\$ 11,33	R\$ 10,73	-	R\$ 11,66	
MÍNIMO	R\$ 14,75	R\$ 12,43	-	-	R\$ 15,50	R\$ 11,82	-	R\$ 10,86	R\$ 10,33	-	R\$ 11,06	

OVINOS

13/07/2026	UNIDADE	CORDEIRO	BORREGO	OVELHA DE DESCARTE
MÍNIMO	R\$/PV	R\$ 13,38	R\$ 14,13	R\$ 12,07
MÉDIO	R\$/PV	R\$ 14,70	R\$ 13,28	R\$ 13,10
MÁXIMO	R\$/PV	R\$ 16,02	R\$ 12,55	R\$ 14,01

CORTES OVINOS

13/07/2026	UNIDADE	CARRÉ	PALETA	LOMBO	PERNIL	COSTELA	PESCOÇO	STINCO
MÍNIMO	R\$/Kg	R\$ 130,15	R\$ 69,90	R\$ 66,46	R\$ 69,90	R\$ 42,85	R\$ 25,90	R\$ 63,80
MÉDIO	R\$/Kg	R\$ 159,80	R\$ 87,94	R\$ 95,50	R\$ 74,91	R\$ 62,03	R\$ 30,01	R\$ 65,60
MÁXIMO	R\$/Kg	R\$ 169,90	R\$ 89,90	R\$ 99,89	R\$ 76,90	R\$ 63,76	R\$ 29,90	R\$ 69,00